



A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E A COSMOGONIA DOS QUATRO ELEMENTOS

Alice Lucas de Souza Gomes ¹
Ricardo José Batista Nogueira ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir acerca de determinados conceitos da Ciência Geográfica sistematizados a partir do modelo quadrante dos elementos da filosofia pré-socrática de Empédocles – água, ar, fogo e terra – e como estes constituem imagens dinâmicas que auxiliam na tarefa de interpretação do mundo mediadas pela atuação do que Carl Jung chamou de arquétipos. Em uma tarefa gnosiológica tal estudo objetiva uma reflexão em torno das relações existentes entre o fenômeno da imaginação humana e os limites da realidade natural e o modo como este manifesta conceitos científicos e imagens da realidade material, interpretados aqui à luz da noção de imaginação material de Gaston Bachelard, tendo como método basilar a fenomenologia da imaginação deste autor que investiga o aparecimento de imagens do mundo na consciência humana. Como metodologia, foi utilizada pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, acerca da perspectiva fenomenológica de Bachelard e da noção de arquétipo enquanto elementos de manutenção de padrões interpretativos espaciais.

Palavras-chave: Quatro elementos; Geografia, Bachelard, Jung, Arquétipos.

ABSTRACT

This article aims to reflect on some concepts of geographic science systematized from the quadrant model of the four elements of Empedocles' pre-Socratic philosophy - water, air, fire, and earth - and how these constitute dynamic images that help in the task of interpreting the world mediated by the action of Carl Jung's notion of archetypes. In a gnosiological task, this study aims to reflect on the relationship between the phenomenon of human imagination and the limits of natural reality and how it manifests scientific concepts and images of material reality, here interpreted in light of Gaston Bachelard's notion of material imagination, having as a basic method the phenomenology of the imagination of this author, which investigates the appearance of images of the world in human consciousness. The methodology used was theoretical bibliographical research on Bachelard's phenomenological perspective and the notion of archetype, keeping elements of spatial interpretive patterns.

¹ Mestra pelo Curso de Geografia pela Universidade Federal do Amazonas-AM, alicedelucas.ufam@gmail.com;

² Doutor pelo Curso de Geografia Humana da Universidade de São Paulo - SP, Professor Titular do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, nogueiraricardo@uol.com.br;

Estão expressas aqui discussões apresentadas em GOMES, A. **Do imaginário ao material: a geograficidade nas profundezas da Terra**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7130>.



Keywords: Four elements; Geography, Bachelard, Jung, Archetypes.

INTRODUÇÃO

Embora este estudo esteja em muito fundamentado pela história das ciências, mais especificamente da Geografia, nosso objetivo se concentra na apresentação de interpretações fenomenológicas acerca da relação de determinados conceitos e do desenvolvimento de teorias de inclinação naturalista, com as imagens herdadas de filosóficas pré-socráticas – o modelo cosmogônico dos quatro elementos alquímicos – investigando na cultura de tal ciência a raiz psicológica de padrões materialistas e modelos classificatórios adotados pela Geografia. Tal ensaio foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, acerca da influência de modelos oriundos de filosofias pré-socráticas que permeiam a organização e classificação de conceitos da geografia moderna, sob a luz de noções como a de “arquetipo” e “sincronicidade” propostas por Carl Jung e princípios presentes na obra de Gaston Bachelard como “imaginação material”, “obstáculo epistemológico”, “espaço material” e “surracionalismo”. Tal reflexão está fundamentada na concepção de Gaston Bachelard de “fenomenologia da imaginação” que chama a atenção para a diferença existente entre os símbolos da psicanálise e as imagens materiais, e se preocupa com o aparecimento das imagens do mundo na consciência.

As discussões e resultados deste ensaio estão divididas em quatro sessões: na primeira sessão consta um comentário resumido a respeito das interpretações já atribuídas no âmbito dos debates geográficos acerca das imagens dos quatro elementos, análises estas proferidas por Yi-fu Tuan (1983) e Éric Dardel (2011), bem como o registro de alguns dos modelos classificatórios da Ciência Geográfica e outros campos do conhecimento inspirados no modelo dos quatro elementos; a segunda sessão é seguida das análises feitas por Bachelard da dupla situação que o homem é colocado diante das imagens elementares, tanto pela sua condição científica em que tais imagens consistiriam em um obstáculo epistemológico, quanto pela vida poética do homem que ao ser interpretado por uma tradição ocularista produz uma redução das imagens elementares; na terceira sessão apresentamos a condição dos arquétipos como vias de influência nos conceitos científicos, orientadas a partir de uma faculdade intuitiva que se diferencia do



conhecimentos científico herdeiro da tradição empirista, interpretada como um divisor entre a tradição aristotélica e o sistema de pensamento platônico; na quarta sessão apresentamos a relação entre arquétipos e imaginação material e posição deste pensamento frente as correntes contemplativas; na quinta e última sessão discutimos a ideia de movimento presente na imaginação material que faz com que esta seja distinta das filosofias debitárias da percepção.

METODOLOGIA

Como recursos metodológicos nos utilizamos de pesquisa bibliográfica de natureza teórica acerca da epistemologia e, conseqüentemente, de princípios nos quais se assentam a organização de determinadas classificações e conceitos da ciência geográfica, bem como outros campos de estudo e seguida pelo exame de marcos referenciais da fenomenologia orientada ao espírito científico e a fenomenologia da imaginação, descrita por Gaston Bachelard, pelas quais são exploradas as tarefas gnosiológicas em torno da origem da reflexão quadrante elementar em determinados conceitos, bem como os limites destas, tendo como principais referenciais teóricos Gaston Bachelard e Carl Jung e os ensaios de ambos acerca da noção de arquétipo e imaginação material, seguidos por análises internas ao pensamento geográfico a partir das contribuições de Tuan (1983) e Dardel (2011), sendo este breve ensaio passagem retirada da pesquisa de dissertação de mestrado desenvolvida pelos autores.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em contraste com o empirismo predominante, que considera apenas o material derivado da experiência, consideramos a hipótese de que a intuição e a imaginação desempenham um considerável papel no desenvolvimento de ideias, conceitos e classificações. Seja a respeito da influência do mundo físico nas ideias, ou no plano metafísico, o Espírito está sujeito a uma “ordem” entendida, na maioria das vezes, como “objetiva”, contudo, alguns dos reconhecimentos parciais destas “ordens da natureza” levam a formulação de conceitos que podem dizer sobre o mundo natural, mas também, podem transpassar a uma idealização, utilizada como uma lógica geral. Transcendendo a experiência, introduzimos aqui um postulado de ordem cósmica que inicialmente



independe do mundo dos fenômenos, os quatro elementos alquímicos – água, terra, fogo e ar – que há muito expressam uma conexão com diversas teorias científicas, que remontam a Platão sobre a correspondência do mundo com imagens pré-existentes da psique humana.

Em sua obra *Le Matérialisme rationnel* (1953), Gaston Bachelard, apresenta a sua “*phénoménologie dirigée*”, que se trata de um método investigativo acerca do modo como o espírito científico organiza o conhecimento do real. Este autor é trabalhado como base de nosso estudo com sua tese relativa à matéria, nas duas vias que esta ocupa – epistemológica e fenomenológica – e, principalmente, na interpretação bachelardiana acerca do pensamento de Carl Jung e os ensaios deste último a respeito dos arquétipos enquanto vias de tradução do mundo físico para o psíquico, que compuseram uma jornada pioneira na discussão a respeito da presença psíquica diante da realidade material terrestre, formulando com isto uma obra dedicada ao reconhecimento da imaginação como um processo criador que tem sua síntese a partir dos quatro elementos cosmológicos, o espaço e imagens, presentes nas obras: *La Psychanalyse du feu*, publicada originalmente em (1938), *L'eau et les Rêves* (1942), *L'Air et les songes* (1943), *La Terre et les Rêveries de la Volonté* e *La Terre et les Rêveries du Repos*, (1948) e na obra póstuma *Fragments d'une poétique du feu* (1988).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com frequência, nos deparamos nos estudos em geografia com abordagens interpretativas do simbolismo em torno dos quatro elementos alquímicos, entendidos como modelos básicos do homem “experienciar” o meio e seus componentes, pensados como funções da consciência que operariam por meio de percepções, conforme indica Tuan (1983, p. 121-122) fundamentado no sistema de Isidoro de Sevilha (c.560-636 d.C.), em que descreve que “a terra representa a sensação, o ar representa o pensamento, a água representa o sentimento e o fogo representa a intuição”; também estariam associados a uma divisão quadrante o “leste [com] a primavera, o elemento ar e as qualidades de umidade e calor; o oeste [com] o outono, a terra, a secura e o frio; o norte com o inverno, a água, o frio e a umidade; e o sul com o verão, o fogo, a secura e o calor”, somados a ideia dos “quatro ventos que estariam associadas as quatro direções, dos quatro pontos cardeais.



Para Tuan, tal sistema não representaria uma cosmologia bem articulada quando comparada com cosmogonias asiáticas e africanas sobre o movimento e organização do universo, mas o repetitivo aparecimento de tal sistema na conceituação e construção da interpretação do cosmos, expressaria um produto da experiência e seria parte da construção de diferentes espaços simbólicos. O que evidenciaria para este autor, que a concepção dos quatro elementos está presente na percepção coletiva e que é a partir dessa que os indivíduos se relacionam com a Terra. Neste sentido, para o expoente da geografia cultural e humanística, esta sistematização se trataria de uma expressão das formas subjetivas e objetivas do espaço, quando afirma que o espaço (objetivo) se irradia de cada eixo subjetivo e é essencialmente um plano horizontal orientado nas quatro dimensões cardeais Tuan (1983, p. 134-135). Neste contexto, os quatro elementos alquímicos se apresentam como diferentes formas com as quais os homens experienciam o espaço. Noção próxima a de Éric Dardel que, uma vez preocupado com a compreensão de como a materialidade das coisas estabelece um sentido para os homens, investiga a condição terrestre – o encontro dos homens e a Terra – por meio de pares de oposição, denominados como “eventos geográficos” (Dardel, 2011, p.33).

Tal preocupação com a materialidade da condição terrestre faz com Dardel retire de Gaston Bachelard, filósofo do qual derivam as noções de “espaço material”, as decomposições deste: espaço telúrico, espaço aquático, espaço aéreo e espaço construído.³ Noção que foi reservada à condição de um símbolo de representações geográficas derivadas de percepções, os quais seriam estes, ao mesmo tempo que forças vitais, também formas manifestações do mundo percebidas pelos sentidos físicos, entendendo estes espaços como produtores da situação de existência destes grupos humanos.⁴

³ Na sua apresentação sobre o Espaço Telúrico, Dardel deixa evidente a influência do pensamento de Bachelard, aproximação também referendada por Besse (2014), quando este afirma que o projeto de Dardel do ‘imaginário material’ é muito próximo ao Bachelard dos “sonhos”(p.116). De modo muito semelhante, Raffestin, após transcrever o que Dardel entende pelo objeto de conhecimento geográfico, aponta os “evidentes acentos bachelardianos” no pensamento de Dardel. No entanto, acreditamos que Dardel, oscilando entre as distintas influências de Bachelard e Heidegger, tem sua obra dividida entre o problema do Ser e o enfrentamento do Homem perante a realidade material.

⁴ Compreensão esta que pode ser derivada da tradição naturalista da Geografia Francesa de Vidal de La Blache e seus *genere de vie*, qual historicamente, os grupos humanos se constituíram enquanto gêneros de vida diferenciados ao longo do tempo, a partir de uma “herança” que cada grupo recebeu de presenças humanas anteriores e superou obstáculos e singularidades da realidade geográfica que os apoia fisicamente, distanciando a leitura de Dardel da obra de Gaston Bachelard.



OS QUATRO ELEMENTOS: O OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO DE GASTON BACHELARD E A IMAGINAÇÃO FORMAL

Diversos padrões comparativos foram sistematizados ao longo do desenvolvimento das ciências, embora suplantados pelas correntes aristotélicas, esses modelos pré-socráticos chegam aos diversos campos do conhecimento influenciando suas classificações, mas também expressando efeitos da racionalização da cultura científica para com o mundo, com uma simplicidade que reduz o cosmos a um enquadramento do universo por um método lógico, conforme indica Bachelard (1990, p.57) ao analisar o sistema de Agrippa, em que à terra correspondem às pedras, à água correspondem os metais, ao ar correspondem os vegetais e ao fogo correspondem os animais. Bachelard retoma ainda as pedras, os metais, os vegetais, os animais e os distribui de um modo quaternário: as pedras que podem ser: obscuras (terra), transparentes (água), flutuantes/pedra pomes (ar) e Sílex (fogo); os metais que podem ser: chumbo e prata (terra), mercúrio (água), cobre e estanho (ar), ouro e ferro (fogo); os vegetais podem ser: raízes (terra), folhas (água), flores (ar), semente (fogo); os animais que podem ser: vermes e toupeiras (terra), peixe (água), aves (ar), animais com calor (fogo); e a psicologia que também tem seu plano quaternário: sentidos (terra), imaginação (água), razão (ar), entendimento (fogo).

O mesmo modelo se aplica aos humores humanos, aos órgãos, aos gestos, à distribuição dos astros no universo, aos rios e querubins, ao sistema natural que “é” composto por quatro grandes compartimentações da superfície terrestre: a hidrosfera, a atmosfera, a litosfera e a biosfera – todos determinados por esta racionalização cosmológica. Na ciência geográfica, que se coloca como uma ciência do visível, fundamentada pelo materialismo, pelo empirismo ou pela “percepção”, a divisão do universo em quatro elementos, além de gerar modelos lógicos da natureza e na psicologia (quatro idades da Terra, quatro temperamentos humanos), também se apresenta no materialismo histórico, indicando uma conversão social que, estabelecida na sua interpretação do mundo, também emprega politicamente os quatro elementos na forma de quatro classes análogas - a nobreza, o clero, os burgueses e os camponeses.

Esta “explicação” quaternária também tem seus desdobramentos em outras taxonomias ou classificações como a divisão dos estudos climatológicos a partir dos quatro elementos do clima (a temperatura, a umidade do ar, a pressão atmosférica e a



radiação solar); nos geomorfológicos, com os quatro fatores da geomorfologia (clima, vegetação, solos e rochas), nas quatro divisões das formas de relevo (montanhas, planaltos, planícies e depressões); e, é claro, nas teorias de localização com os quatro pontos cardeais dos quais derivam mais outros doze, totalizando dezesseis direções, do qual a raiz quadrada é o quatro (o ar oriental, o fogo sul, a água oeste, a terra o norte e o Espírito o centro).

Como último exemplo destas classificações, agora fundamentada em um sensualismo hipocrático, Bachelard (1990, p.60) também indica a atribuição de quatro qualidades a cada elemento, quando questiona ao reconhecimento de dezesseis diferenças de corpo – quente, frio, húmido, seco, pesado, leve, raro, espesso, polido, áspero, duro, mole, transparente, opaco, aguçado e obtuso – dos quais diferentes sentidos são explorados, sendo o fogo é quente, seco, raro e aguçado; o frio, húmido, o espesso e o obtuso são para a água; para o ar, o mole, o polido, o leve e o transparente; ficando a terra com o duro, áspero, o pesado e o opaco.

Contudo não se sonha com ideias ensinadas, com efeito, ironicamente, Bachelard (1990), questiona: Como compreender um sonhador isolado depois de lidarmos com “tamanho explicação” do mundo? São inesgotáveis as equações produzidas por esta “indução material”, não há dúvidas que o positivismo condene, mesmo, as quimeras, reduzindo as imagens espaciais ao caráter oposicionista da modernidade, ou, ao antagonismo cristão, como se os fenômenos nos dissessem constantemente sim e não, como se os elementos do mundo fossem de fato hostis, dois a dois, como seres inimigos, ou se comportassem em dualismo, o que expressa um deficiente realismo e simplista compreensão da natureza das coisas.

No entanto, é, de todo modo, intrigante a maneira pela qual a tradição científica mecanicista se sentiria traída se percebesse a si mesma invadida pelo “simbolismo”. Acreditamos, com isto, que essa sistematização expressa o que Bachelard denomina como “materialismo ingênuo” e, é também, por isto, que não é de espanto vermos os mais diversos símbolos relacionados à religião, Ciência e Filosofia voltados aos quatro elementos ou, ainda, à modelos trípticos, confirmarem uns aos outros, e a geografia, por isto, absorvê-los como atitudes puras, passíveis de investigação fenomenológicas, o que contribue com a noção de uma “imaginação reprodutora” pensada por Bachelard no campo poético ou mesmo ao pensarmos a sistematização dos conceitos objetivos da ciência geográfica se configurariam como “obstáculos epistemológicos” os quais



Bachelard identificou em determinadas imagens que se impõem ao espírito científico e que geralmente estão enraizados na linguagem, em conceitos ou mesmo em fórmulas que se tornaram certezas nas ciências.⁵

A cultura dos quatro elementos denuncia diversas aplicações do homem diurno, assim chamado por Bachelard, que se trata do homem de ciências, demonstrando como este também se vê tão facilmente envolto nos devaneios das perturbações materiais embora, ingenuamente, recorra a redução de seus fantasmas. Quando em *Timeu* Platão indica fogo e terra como os vetores da dupla filiação do universo, muitos adeptos do experimentalismo podem se questionar como pode ele atribuir uma leitura do universo em duas direções opostas? Da solidez (terra) ao abstrato (fogo), somos remetidos ao alinhamento de zonas psíquicas e esta dupla corrente manifesta a composição da imaginação material. Terra (empirismo) e fogo (racionalismo), revelam o caráter integral do homem. De acordo com Bachelard (2013), a realidade material compromete o homem por inteiro, tanto sua psicologia e filosofia, quanto em sua racionalidade.

Culturalmente, repugna aos geógrafos “naturalistas” inscrever uma ação “subjetiva” como base de um saber científico. Ao nos defrontarmos com essa reviravolta do inconsciente sobre a consciência objetiva e, vice-versa, nos situamos na dupla situação humana, onde a Ciência deve reconhecer a inconfessável persistência filosófica no trabalho objetivo.

Todas as suas possibilidades e desdobramentos do homem são nascidos entre as coisas do mundo. No entanto, diferente das abordagens fundamentadas nas teorias da percepção, é em um movimento hermenêutico entre imaginação e matéria que os quatro elementos alquímicos expressam padrões em uma linguagem recorrente que ativa atitudes diante do mundo, que podem ser entendidas pelo que Carl Jung chamou de arquétipos⁶, que surgem do modo como certos processos naturais se relacionam com o caráter psicológico dos seres, que atrelados a um sistema espaço-tempo, mantêm “familiaridade” e naturalização com o mundo, desenvolvendo, além de imagens deste, também consistem em um esboço básico de conexões e legalidades abstratas; o fenômeno do conhecimento racional, com isto fundamentar-se-ia na existência desses arquétipos originários, que se

⁵ *La formation de l'esprit scientifique: contribution à une psychanalyse de la connaissance objective* (1938).

⁶ Do grego *archein* = original ou velho e *typos* = padrão, modelo ou tipo, que combinados remeteria a ideia de “padrão original”. Arquétipo seria o padrão original que abarca o que existe em comum nas pessoas, objetos ou conceitos.



encontram universalmente na estrutura da psique humana, atravessando os séculos, conforme indica Jung em um registro das imagens do mundo:

Quando, por exemplo, o percurso diário do sol ou a alternância entre o dia e a noite se deixam expressar na forma de uma sequência de imagens, gravadas na alma humana desde os primórdios dos tempos — de uma imagem “analógica” do evento físico a supor, desse modo, que traduzir eventos físicos em “imagens”, a saber, em formas arquetípicas, faz parte da capacidade da estrutura psíquica [...] (JUNG, 1995, p. 64)

Na obra *The influence of archetypal ideas on the scientific theories of Kepler*, Pauli (1952), chama atenção, por exemplo, para as ideias de Kepler e a relação da imagem da Santíssima Trindade com a tridimensionalidade do espaço. Os arquétipos, de acordo com Jung, são criadores de mundo, neste sentido é possível que estes se projetem como realidade e preencham lacunas dos conceitos epistemológicos, como é o caso das imagens dos quatro elementos frente as classificações geográficas. Nesta condição os arquétipos atuariam na dupla condição humana – na instância objetiva do trabalho científico e na instância subjetiva dos aspectos poéticos da existencia humana – Bachelard percorre, com isto, os devaneios da imaginação material e a construção dos conhecimentos científicos, em uma via onírica e intelectual que recria o homem nas 24 horas do seu dia, seguindo paralelamente estas duas tendências, até o seu ponto de junção que é a imaginação material⁷, sob a qual são feitas reflexões acerca da apreensão e recriação da realidade e da relação da imaginação com os elementos do mundo.

OS ARQUÉTIPOS E OS CONCEITOS CIENTÍFICOS

No investimento de uma interpretação acerca da influência dos arquétipos dos elementos alquímicos na formação dos conceitos da ciência geográfica, em contraste com a abordagem naturalista e empirista que tradicionalmente fundamentou esta ciência, temos a tarefa de ilustrar alguns pontos de vista específicos sobre a estruturação de conceitos que não têm fundamentos determinadamente forjados pela experiência material, mas estão relacionados a intuição e desempenham um papel no exercício da organização e universalização da linguagem científica. Esta problemática também nos

⁷ Divergente da imaginação formal centrada no sentido da visão a imaginação material estaria relacionada às imagens sublimadas pelos arquétipos – ar, água, fogo e terra – que cumprem a função do irreal e colocam em movimento a articulação simbólica entre o mundo interior e o mundo exterior do indivíduo.



remete ao questionamento acerca da relação e ponte de acesso entre a realidade geográfica e os conceitos.

A reflexão da presença do mundo natural nas ideias ou de pressupostos metafísicos no mundo, nos submetem a uma reflexão acerca do comportamento humano diante dos fenômenos, bem como a felicidade humana diante no estabelecimento do pensamento sobre o mundo, o que nos aproxima do conceito de Jung de “sincronicidade”, utilizado para pensar acerca de acontecimentos coincidentes sem nenhuma ligação aparente, que se colocaria como um princípio acausal da realidade,⁸ que é expresso a partir de um paralelismo dos acontecimentos do mundo, chamando a atenção para o princípio de ordenação que tanto a esfera natural, quanto as esferas psicológicas parecem compartilhar, noção esta que abre portas para a tradição da investigação acerca da dupla situação do homem no mundo sob o qual vai se associar o pensamento dual de Gaston Bachelard, que encontra na matéria e na imaginação que se tem dessa, uma série de imagens essenciais que se manifestam a qualquer tempo e em múltiplas espacialidades.

Existe, contudo, uma clara relação de herança da noção “arquétipo” de Jung para com a filosofia de Platão de “ideia”. Os arquétipos representam uma espécie de “ideia com base de mundo” – o figurado, o imaginado – porém, “a ideia” contém a instância da imutabilidade, logo as formas eternas (ideia de Platão) não são dotadas de uma existência anterior, uma experiência ou algo neste sentido. Nesse ponto, a concepção platônica se aproxima somente do conceito de “arquétipo em si” – não perceptivo – e se distancia do “arquétipo manifestado” – o já comparado – pensado por Jung. Esta relação entre “ideia” e arquétipo, pode ser entendida sobre o eixo do “eterno”, do “imutável”, um “além-homem” no plano metafísico.

Quando a “ideia”, porém, se inscreve relacionada ao mundo, aparecendo dentro das dimensões de espaço e tempo, ela lida com “arquétipo perceptível”, de acordo com Jung (1994), o eterno (ideia) e o temporal (fenômeno) são unificados, neste sentido, um seria a expressão filosófica e o outro a expressão física, estabelecendo toda a predestinação e ordenamento do mundo, no aspecto espiritual e material deste. Neste condição, é necessário considerar a milenar concepção de Platão acerca do “plano das ideias”, que embora, por muito tenha sido suplantada pelas correntes aristotélicas, é de grande

⁸ Diferentes dos princípios de causalidade e conexão herdados da tradição aristotélica na Geografia, o princípio da sincronicidade pensado Jung em meados da década de 1920 e publicado em 1952, expressa um padrão de fenômenos e acontecimentos que não têm uma ordem causal convencional e comportamento em cadeia como base.



validade na compreensão da estruturação de determinados conceitos científicos pensados a partir da atuação de imagens primárias que o Espírito pode lançar mão como um instinto inato.

A noção de arquétipo de Jung designa estruturas inatas em cada indivíduo que são capazes de formar imagens primordiais oriundas de uma sucessão de acontecimentos progressivas de uma mesma experiência, durante muitas gerações, que ficaram armazenadas no inconsciente coletivo.⁹ Grinberg (1997, p. 134), afirma que o arquétipo “é o mundo do invisível [...] de todos os personagens de épocas passadas da humanidade sobre os quais foi depositada forte carga afetiva”. No entanto, é necessário ressaltar que os arquétipos não são experiências herdadas, mas um potencial de repetição dessa experiência e se tornam imagens que podem ser ativados ao organizar representações ou induzir determinados comportamentos.

As imagens mantêm uma relação estreita, porém, abstrata com os eventos físicos, embora não haja nisso um motivo para considerar o arquétipo como algo secundário, pode-se, no entanto, constatar a necessidade do homem de atrelar sua imaginação à condição realista do mundo e a interpretação que se faz desse. Deste modo, os arquétipos são formas típicas de conceber e reagir ao próprio mundo. Embora não nasçam dos fatos físicos, consistem em uma atividade da tradução do físico para o psiquismo que não pode ser interpretada sob a luz de teorias sensualistas.

Os psicanalistas (freudianos) nos dizem que os verdadeiros adversários são humanos, que as grandes interdições e “resistências” são sociais, o inconsciente seria um verdadeiro reservatório de repressões. Porém, no mundo dos devaneios as perturbações do homem, de poesia e de ciência, a resistência é material.¹⁰ As perturbações estão sob comando dos quatro elementos:

Os sonhos dos biliosos são de fogo, de incêndios, de guerras, de assassinios; os dos melancólicos, de enterros de sepulcros, de espectros, de fugas, de fossas, de tudo quanto é triste; os dos sanguíneos, de voos de pássaros, de corridas, de festins, de concertos e até mesmo de coisas que não ousamos nomear. Por conseguinte, os biliosos, os melancólicos, os pituitosos e os sanguíneos serão respetivamente caracterizados pelo fogo, a terra, a água e o ar. Seus sonhos trabalham de preferência o elemento material que os caracteriza. Se admitirmos que um erro biológico sem dúvida manifesto mas em geral pode

⁹ “Lado a lado com as fontes pessoais, a fantasia criativa também desenterra a mente primitiva com suas imagens, encontradas nas mitologias de todas as épocas e de todos os povos. A totalidade dessas imagens constitui o inconsciente coletivo, uma herança potencialmente presente em todos os indivíduos.” (JUNG 1924 apud GRINBERG, 1997, p 135).

¹⁰ *La Terre et les Rêveries de la Volonté* (1948).



corresponder uma verdade onírica profunda, estaremos prontos a interpretar os sonhos *materialmente*. (BACHELARD, 1989, p.04).

É possível que certos processos e fenômenos naturais se relacionem com o caráter psicológico dos seres e se integram aos arquétipos, o que acreditamos se dar acerca do recorrente esquema quadrante dos elementos de empédocles. Deste modo o homem que vive livremente, não é “livre”, porém, atrelado a um sistema espaço-tempo, dentro do qual sua vida se desenrola, onde mantém uma relação de “familiaridade” e naturalização com o mundo.

OS ARQUÉTIPOS E A IMAGINAÇÃO MATERIAL

Na história da Geografia não faltam definidores desta ciência enquanto leitura da transformação da sociedade sobre as realidades naturais, ao tentar desbravar de algum modo a relação com a matéria matéria, o levante humanista geográfico, no entanto, fez da mesma um imenso inventário de percepções.¹¹ O geógrafo, de acordo com Bachelard (2013), entrega-se às investigações das matérias terrestres, em um estilo “tranquilamente descritivo”, reduzindo, porém, sua diversidade e empregando nesta uma “homogeneidade material”, tal homogeneidade que se trata de uma herança da tradição ocularista, não compreendida como atitude do Espírito diante da diversidade material. Prendem-se ao mundo dos objetos, sem se comprometerem a fundo com a matéria e darem-se conta do universo mental produzido pela relação deste com a realidade física.

No montante da erudição geográfica, poucas abordagens se distanciaram dos pressupostos empiristas, das noções causais, dos complexos culturais e das interpretações historicistas. Provavelmente por conta desta tradição, as considerações acerca da obra bachelardiana na Ciência Geográfica passam despercebidas por importantes considerações deste filósofo quanto às diferenças entre símbolos e imagens, associando as imagens às experiências da realidade e reproduções do vivido, dadas em torno da percepção ou da memória, que acometem tradicionalmente o homem a uma interpretação cultural, fazendo com que o ensaio bachelardiano seja, equivocadamente, realocado a experiências exteriores, culturais, de reconhecimento de símbolos e valores comportamentais aliados a externalidades, buscando uma aproximação da mesma com

¹¹ Cf. BACHELARD, G. *L'eau et les Rêves* (1942).



interpretações originalmente divergentes como as de Heidegger, quando este adverte quanto a um homem histórico e *ser-no-mundo* e o existencialismo de Jean Paul Sartre.¹²

De acordo com Bachelard (2013), “a psicanálise está sempre pronta a uma explicação objetiva”, restringindo a tradução das imagens ao simbolismo. A Geografia, por sua vez, se encontra tal qual a psicanálise, reduzida à uma espécie de topologia psicossocial, “[...] mal é detectada uma imagem pulsional, mal é descoberta uma lembrança traumatizante, a psicanálise coloca como problema social”: Algum dia você foi petrificado, enterrado prematuramente ou resgatado de um sepulcro, jogado em um poço sem fundo, devorado por um monstro marinho, voou nu pela cidade ou desapareceu em uma zona abissal? Supomos que não, ou, ao menos não deveria; entretanto, aí estão seus terrores noturnos e de tantos outros homens: Eles são impessoais e intemporais, tão antigos quanto o próprio homem.¹³ Com isto, nos parece inútil imaginar qualquer “trauma” acerca das origens destas imagens da matéria, ou alguma experiência coletiva que tenha origem nos quatro elementos, o complexo material perturbador indicado no sistema bachelardiano trata-se, contudo, de um revelador, que além do que Freud poderia supor, desenrola o drama do mundo.¹⁴

É preciso uma psicanálise cósmica, uma psicanálise que deixará por um instante as preocupações humanas para se aquietar com as contradições do Cosmo. É preciso também uma psicanálise da matéria que, aceitando o acompanhamento humano da imaginação da matéria, seguirá mais de perto o jogo profundo das imagens da matéria. (BACHELARD, 2008, p. 20)

Fundamentado na noção de arquétipo de Jung, Bachelard entende que o pensamento filosófico antigo – quatro grandes províncias do cosmos: o ar, a água, o fogo e a terra – estaria ligado a uma imaginação material, que emana a partir dos quatro diferentes tipos de matéria figurantes da imaginação dos homens, constituindo um substrato universal, onde mesmo ao longo de todo o processo de desmitificação e objetivação da natureza operada pela ciência, tem nas “forças imaginantes naturais” inspiração ao devaneio:

¹² Cf. GOMES, P. C. Geografia e Modernidade (2011, p. 304 -305).

¹³ Adaptado de Quillet (1977), a respeito da arqueologia da alma.

¹⁴ Ao passo que a psicanálise recorre aos “sociodramas”, examinando as rivalidades humanas, do homem centralizado na vida social e embates deste, postos em uma perspectiva histórica, Bachelard em *Le droit de rêver* (1970), teoriza acerca da destinação e intervenção do homem no mundo em um combate antropomórfico, e da revolta com os limites da Natureza, propondo a noção de “cosmodrama”; “Mas a natureza está aí também para nos chocar. [...] O homem, se deseja saborear o enorme fruto que é o universo, deve se sonhar como seu dono. ‘Eis aí seu drama cósmico’ (BACHELARD, 1986, p. 56);



[...] e não é à toa que as filosofias primitivas faziam com frequência, nesse caminho, uma opção decisiva. Associavam a seus princípios formais um dos quatro elementos fundamentais, que se tornavam assim marcas de temperamentos filosóficos. Nesses sistemas filosóficos, o pensamento erudito está ligado a um devaneio material primitivo, a sabedoria tranquila e permanente se enraíza numa constância substancial. E, se essas filosofias simples e poderosas conservam ainda fontes de convicção, é porque ao estudá-las encontramos forças imaginantes totalmente naturais. É sempre a mesma coisa: na ordem da filosofia, só se persuade bem sugerindo devaneios fundamentais, restituindo aos pensamentos sua avenida dos sonhos.” (BACHELARD, 1989, p.04).

Bachelard, acredita que certas imagens estão associadas aos quatro elementos, e liberam uma substancialização do pensamento acerca das realidade físicas: são ditas “elementares”. Seriam tão insistentes e tão profundas que parecem pertencer tanto ao mundo natural quanto ao âmbito psicológico. As imagens dos quatro elementos são primitivas, não no sentido de ingenuas ou antigas (embora nesta última condição, sejam de fato), mas pelo fato de se apresentarem na origem da linguagem de poesias e de ciências, são fontes de energia, imagens que ajustam a linguagem sobre o mundo. No entanto, a imaginação material – esta oriunda dos quatro elementos – não nasce da comparação, de uma analogia entre símbolos e as propriedades da Natureza, mas “nascem da aproximação de realidade afastadas”. Bachelard (1986), acredita que quanto mais as relações das duas realidades são longínquas, mais forte seria uma imagem, mais potente esta se mostra, o que explicaria a presença da filosofia de Empédocles entre as classificações modernas da Ciência.

OS QUATRO ELEMENTOS E O PRINCÍPIO DO MOVIMENTO

Aristóteles, empregara diversas críticas aos pré-socráticos, argumentando uma falta de clareza por parte destes quanto à ausência de fórmulas em suas indagações. Tal crítica atravessará os milênios e servirá de fundamento basilar para Filosofia e Ciência moderna. Porém, a ideia de que o conhecimento das coisas consiste em sua causa, se distingue da questão filosófica a respeito da mesma, a busca pela origem da matriz de toda a realidade material, neste sentido, tem o feitiço de um postulado metafísico formulado a partir de uma operação abstrata, que exprime uma intuição filosófica alçada à transcendência, uma vez que a fantasia, enquanto um pressentimento da verdade se antecipa à possibilidade de produzir certezas demonstráveis.



A noção segundo o qual o comportamento das pessoas é orientado pelo movimento dos astros, por exemplo, fora por muito difundido na antiguidade, em que os questionamentos cosmológicos estiveram repetidamente presentes nas associações entre mitos, Terra e os astros. Sob este aspecto Claval (2014), adverte que as considerações acerca da presença humana na Terra, passam a compor um ensaio científico, passando investigar a causa dos fenômenos e a influência de uns sobre os outros. A descrição e observação do mundo, é neste sentido, uma ferramenta que dá destaque ao problema da causalidade, quando ela evoca a origem das formas para compreender a organização do real e as forças que condicionam o que se observa. O olhar aristotélico analisa o real de modo fragmentado, sendo caracterizado pela verticalidade dominante das representações e pela frequência das superposições e seu encadeamento, nunca as concebendo intimamente, em relações horizontais (STASZAK, 1995 apud CLAVAL, 2014, p. 60).

A busca pela matriz originária das coisas, presentes nos antigos modelos quadrantes, consiste, entretanto, mais em uma representação do ser do que em uma hipótese científica. Embora os questionamentos se deem em torno de frações do visível (a matéria), estes princípios vieram anunciar a unidade do todo. Logo, uma leitura empírica desse pensamento acaba por empobrecer o discurso metafórico que consiste na ideia de que “tudo é um”.

Quando Bachelard (1989) afirma que “o discurso racional é um discurso metafórico do ser” ele nos dá subsídios para compreender o pensamento filosófico antigo acerca da matéria estando ligada a uma imaginação material que desprende diversas imagens que aludem a uma “filosofia primitiva”, primitivismo este irreduzível e insuscetível de ser decomposto em partes mais simples, com isto, não passíveis de explicações causais, conservando o caráter de unidade do real e ao mesmo tempo a representação da unidade da imaginação, mesmo ao longo de todo o processo de desmitificação da natureza empreendido pela Ciência, comovendo a potência fecunda nos arquétipos mais antigos da imaginação.

Ao mesmo tempo em que as metáforas da matéria apresentam-se à imaginação imbuída de um caráter próprio, são conferidas uma imaterialidade entregues à ideia de unidade. Bachelard ressalta, entretanto, que esta ideia dual de que somos acometidos, é de certo modo apenas aparente, quando este afirma que a natureza imaginária realiza a unidade da natureza real, (1989, p. 211). A natureza enquanto produção, forças em atividade (sujeito) e a natureza enquanto forma (objeto) antecipam-se à contemplação.



Dia e noite, todo e a parte e as diversas diferenças extraídas da realidade, palpáveis ou não, conservam uma unidade, a unidade dos contrários,¹⁵ onde as coisas não se excluem, são coexistentes e convertem-se uma nas outras. Neste aspecto, o substrato permanente da origem das coisas, celebrará a materialidade das imagens nascidas dos elementos, mas estas são constantemente criadas, sempre novas.

Bachelard, no entanto, abandona a perspectiva dos quatro elementos enquanto determinação, desistindo da formação de uma lei universal do reino das imagens e dedica-se ao processo de síntese do real pela imaginação, em um trabalho de transformação e deformação da matéria pela imaginação, por que, de acordo com este filósofo, a imaginação captaria a realidade em sua materialidade, compondo imagens materiais.

Deste modo, a imaginação não é uma representação, nem duplicata, mas, uma extensão, constituindo uma “super-realidade”, em permanente continuidade. A título de hipótese, Bachelard considera que a imaginação material produz deformações da realidade da matéria e em excelência desempenha um exercício semelhante ao trabalho científico, isto porque tanto o trabalho poético e científico são dotados de uma potência que superam e renovam a realidade, ambos redefinem os limites que o homem estabelece com o mundo, não cabendo mais a Ciência, pós-revolução einsteniana, mecanicamente estabelecer desmitificações da Natureza, mas propor um futuro desta. Neste sentido, as imagens dos quatro elementos não têm sua força estabelecida por meio de uma estrutura, mas em uma interpretação do mundo em movimento, em uma herança heraclitiana, caracterizada pelo fluxo e duração, concebendo o mundo como totalidade e contínua mutação.

Nesta condição, nos (re) aproximamos da decomposição que Dardel fez do espaço material inspirada em Bachelard, a partir uma visão dinâmica das relações materiais e temporais do mundo: o espaço telúrico, ligado a terra que empreende valores de profundidade que é para Bachelard produtora de imagens de forma; o espaço aquático, que empreende valores do movimento, da fluidez, circulação e o tempo; o espaço aéreo, que Bachelard entende como imagens das instancias metafísicas do mundo; e o espaço construído que Dardel apresenta como a paisagem produzida historicamente, provavelmente derivado das imagens do fogo, que nas filosofias pré-socráticas foi pensado como o elemento da transformação que opera sobre as outras massas que formam

¹⁵ Do Pré-socrático Heráclito de Éfeso: o conflito de contrários existente no centro de todas as coisas é o que preside a vida do universo e resulta a mais bela harmonia.



o mundo, sob qual as coisas se consomem e se criam a partir dele.¹⁶ Dardel, dialogaria, neste ponto, com “surracionalismo”¹⁷ dinâmico de Bachelard, debitário da “imaginação criadora” e não de uma condição factual perceptiva da tradição humanista descendente de uma imaginação reprodutora:

A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade. Poética, em *Prometeu Acorrentado* de Shelley,¹⁸ se torna profética em Novalis [...] Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (*terriennes*), marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o Homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. (DARDEL, 2011, p. 5-6).

Posição esta assumida por Dardel, que se mostra concordante com Bachelard, para o qual a imaginação está sempre associada ao irreal, porque para este filósofo imaginar é ultrapassar o valor sensível, a condição real. Qualquer imaginação é uma imaginação sobre o mundo, porém uma imaginação material, é uma imaginação que cria novos mundos. Para Bachelard, todas as matérias suscitam o trabalho humano, pois a matéria tem sempre um caráter de resistência e provocação do mundo, com isto, tanto as posições poéticas quanto científicas do homem, alçam um trabalho efetivo, uma vez que “a realidade só pode ser verdadeiramente constituída pela atividade humana. “É preciso a uma só vez uma intensão formal, uma intensão dinâmica e uma intenção material para compreender o objeto na sua força, na sua resistência, na sua matéria, isto é, totalmente” Bachelard (2013).

¹⁶ Para Heráclito de Éfeso (540 - 470 a.C.), qualquer mudança que ocorresse no mundo se daria através do fogo. O que está mudando ou está indo ao fogo ou está voltando dele.

¹⁷ Retirado do surrealismo, o surracionalismo designa a atitude de abertura da razão à renovação de suas normas.

¹⁸ O Complexo de Prometeu, o Complexo de Empédocles e o Complexo de Novalis, descritos na obra de Bachelard *La Psychanalyse du feu* (1938), estão todos relacionados ao elemento fogo: Complexo de Prometeu consiste na conquista e vitória por meio da ruptura com os superiores (Prometeu roubou o fogo de Zeus para dar aos homens) e o desejo de ultrapassar e superar os mestres no conhecimento, com isto, tal complexo faria analogia à vontade humana de saber, à capacidade criadora e conseqüentemente, estaria ligado à intelectualidade; O Complexo de Empédocles representaria a união do instinto de viver e do instinto de morrer, o fogo estaria, deste modo, associado à consagração da força e seria a representação de uma mudança; o Complexo de Novalis representaria o desejo de se introduzir até o interior das coisas, em que ao realizar esse processo de interiorização, somos remetidos para o centro da terra, onde tudo germina e onde há a transcendência;

O fogo, aparece na obra de Bachelard, como a circunstância que pode nos conduzir a um novo mundo criado por meio do objeto e que se materializa no devaneio em forma existencial.



Para Bachelard, nada está por acaso e ocioso na realidade terrena, o mundo é uma conquista voluntária, é o homem que inicia a batalha com o mundo, e, neste sentido que “o mundo é minha provocação”,¹⁹ logo os quatro elementos que constituem a realidade física deste mundo, seriam quatro diferentes tipos de provocação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é uma tarefa simples estabelecer uma fronteira histórica, filosófica, material e espacial entre o pensamento do mundo antigo e a condição do pensamento racionalista, determinadas epistemologias irão associar este processo a pensadores ou escolas, por exemplo. Contudo, acreditamos que é demasiadamente tênue a linha que divide o pensamento racional dos elementos míticos, o que traz grande sentido ao pensamento do homem integral, da dupla situação humana, como propõe a obra de Gaston Bachelard. Com a esquematização dos quatro elementos podemos observar como um mito pode se infiltrar no mundo racional, influenciá-lo e mesmo defini-lo. É no mito platônico da alma, por exemplo, que habitou uma das maiores fontes de resistência do processo de racionalização, mas é também no organismo da filosofia de Platão que tem origem a ideia de Espírito, que séculos depois viria a compor o racionalismo. Considerando isto, é de nosso interesse nos questionarmos a respeito das imagens materiais sob as quais estão assentados muitos dos pressupostos do conhecimento em geografia.

Os progressos da razão não podem expulsar da condição humana o encatamento para com os elementos, como se fossem uma ilusão, pois eles estão nas raízes da atividade que imagina o mundo. Há uma inextipável influência da imaginação sobre o materialismo, a imaginação espontânea sobre o real deseja possuir o mundo em sonhos, em suas substâncias. Porém, esta relação entre o homem e o cosmos necessita ter sua admissão no campo da imaginação e não somente no campo da percepção, o fenômeno humano deve ser pensado em uma escala cósmica.

Não cremos que o triunfo do experimentalismo tenha aniquilado os sonhos materiais dos homens. Acreditamos, que as imagens como “obstáculos” recorrentes nas ciências, sejam, na verdade, um constante retorno e resistência dos sonhos milenares do

¹⁹ Retirada do ensaio de Schopenhauer do embate do homem com o mundo, na obra “O mundo como vontade e representação”, Bachelard anuncia a fórmula “O mundo é minha provocação”. Que compreende esse a partir da vontade, mas também da surpresa feita pelo homem e suas forças incisivas. Cf. Bachelard, (1989, p. 166).



homens sobre a realidade terrestre, como marca da presença destes neste mundo. Não somos capazes, porém, de pensar na inversão de todos os sistemas e modelos sob os quais estão assentados os conhecimentos geográficos científicos, nem mesmo somos capazes de dimensionar toda a influência da cosmogonia dos quatro elementos na ciência geográfica, contudo, estes nos deram prévias de que o encanto com a matéria, como uma perturbação material é constante, o homem ainda sonha com o mundo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade: ensaios sobre a imaginação das forças**. Trad. Maria Emantina de Almeida Prado Galvão. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **A Poética do Espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A Água e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____. **A Psicanálise do Fogo**. Trad. Paulo Neves. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O Materialismo Racional**. Trad. João Gama. Lisboa: Ciência e Vida. São Paulo: Edições 70, LDA, 1990.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. 2º Trad. Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

DARDEL, E. **O homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOMES, A. **Do imaginário ao material: a geograficidade nas profundezas da Terra**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GRINBERG, Paulo. **Jung, o Homem Criativo**. São Paulo: FTD, 1997.

JAEGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira; [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 6.ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JUNG, Carl. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1994, vol. XII. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis: Vozes, 2000.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

55 EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

_____. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1995a, vol. VII/1.

PAULI, Wolfgang. *The influence of archetypal ideas on the scientific theories of Kepler*. Trad. *The Interpretation of the Nature and Psyche*. Pantheon Books 1972. Bollingen Series, V. 51, 1952.

PLATÃO. **Timeu**. Trad. Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.